

Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - ICSA

Gabriel de Almeida Venâncio

**Ansiedade em ambiente universitário: um estudo
comparativo entre estudantes de diferentes nacionalidades**

Varginha - MG
2021

Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - ICSA

Gabriel de Almeida Venâncio

Ansiedade em ambiente universitário: um estudo comparativo entre estudantes de diferentes nacionalidades

Trabalho de conclusão de Piepex
apresentado ao Instituto de Ciências
Sociais Aplicadas da Universidade
Federal de Alfenas como requisito
parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Ciência e Economia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Letícia Lima
Milani Rodrigues

Coorientadora: Prof^ª. Dra. Luciene
Resende Gonçalves

Varginha - MG
2021

Agradecimentos:

A ansiedade é uma doença que apareceu em minha vida e em diversos momentos tentou me fazer desistir, se hoje estou aqui tendo controle sobre ela, concluindo a primeira etapa da minha carreira acadêmica e principalmente escrevendo sobre ela, é graças a algumas pessoas que eu terei eternamente gratidão.

Aos meus pais, Rogerio Venâncio e Lucimara de Almeida, gratidão por nunca deixarem de estar do meu lado, por me apoiarem em todos os momentos difíceis em que a ansiedade tomou conta de mim, vocês são peças fundamentais.

A minha irmã, Gabrielly de Almeida Venâncio, obrigado por sempre estar do meu lado, pelo apoio, e principalmente, por todas as vezes em que estive mal você tentou sempre me deixar para cima e sempre me lembrar de nunca desistir.

Aos meus amigos, gratidão por sempre estarem presentes em minha vida. Tenho que agradecer especialmente três dos meus amigos, Aline Medeiros, que desde o primeiro período esteve presente em minha caminhada, se tornou uma irmã de outra família, pois sei que independente do momento, posso contar com ela (e isso é recíproco). André Luiz, toda minha insegurança com relação às disciplinas que você sempre tirou de letra, eu tenho que te agradecer por todo apoio e auxílio que você me deu. Por último, mas não menos importante, o Hygor Cambraia, são quase dez anos de amizade, você sabe literalmente tudo sobre mim e mesmo assim nunca desistiu de passar ao meu lado, os meus temperamentos, as minhas crises, inseguranças, tristezas, mas também, conquistas, felicidades e sonhos realizados, muito obrigado por tudo!

A você professora Dra. Leticia Lima Milani Rodrigues, que desde que nos cruzamos no terceiro período na qual você me lecionou a disciplina de estatística, esteve sempre a disposição em me ajudar, me guiar e compreender todos os momentos difíceis que passei, não tinha opção melhor de escolha de orientadora a não ser você, te agradeço imensamente por tudo, você é uma das melhores pessoas que passaram pela minha vida.

Aos professores Carla Campos, Luciene Gonçalves, Michele Barbosa e Vinicius Moreira, obrigado por sempre me apoiarem, me darem conselhos e incentivos para que eu nunca desistisse da minha caminhada, eu tenho orgulho de ter sido aluno de vocês, continuem brilhando e iluminando o caminho de milhares de alunos que vão passar pelas suas vidas.

Ofereço os meus sinceros agradecimentos.

Resumo:

A ansiedade é um transtorno mental que faz parte da subdivisão do conceito de saúde mental. Fatores como as mudanças rápidas sociais, as condições de trabalho estressantes, a exclusão social, a discriminação de gênero, a violência, o estilo de vida não saudável e a violação dos direitos humanos, por exemplo, contribuem para o risco de uma má saúde mental dos indivíduos, que buscam formas de amenizar e conviver bem ao lado da ansiedade. Diante disso, o objetivo do presente estudo é descrever o comportamento de estudantes universitários em relação aos seus níveis de ansiedade traço-estado. Através da aplicação do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) de Spielberger et al. (1970) pelas universidades utilizadas como referência a seus alunos, foi possível fazer uma análise comparativa e concluir quanto às universidades estudadas que os níveis de ansiedade nas estudantes do sexo feminino se sobressaíram em todas as universidades, além disso, a faixa etária que apresentou os maiores escores médios é a de 18 à 23 anos. Observa-se que a região Sul do Brasil apresentou os maiores níveis de ansiedade traço-estado, enquanto a região Norte do país carece de pesquisas práticas em torno do tema ansiedade no meio universitário. Comparando-se os níveis médios de ansiedade traço-estado dos estudantes brasileiros com os portugueses e argentinos, os primeiros possuem níveis menores do que os argentinos, e níveis semelhantes aos estudantes portugueses. Pode-se constatar que os principais fatores que acarretam em um nível maior de ansiedade para os estudantes são: as transformações maturacionais, o ritmo de vida mais intenso, a grande carga horária de estudos, o distanciamento geográfico da família, as cobranças pela sociedade, instituição e a própria autocobrança, que provocam sentimentos de irritabilidade, impaciência, desapontamento e preocupação nos estudantes.

Palavras-chave: ansiedade; universitários; IDATE; saúde mental.

Sumário

1. Introdução	6
2. Referencial Teórico	7
2.1 A saúde mental	7
2.2 A ansiedade	8
2.3 A ansiedade no Brasil e na América	9
2.4 A ansiedade no meio universitário brasileiro	12
2.5 Estudos Correlatos	12
3. Procedimentos Metodológicos	15
3.1 Material	15
3.2 Métodos	16
4. Análises e Discussão	17
5. Considerações finais	28
Referências	29

1. Introdução

A ansiedade é uma doença que, assim como a depressão, a esquizofrenia, entre outras, faz parte da subdivisão de alguns transtornos mentais do conceito de saúde mental (PAHO, 2018).

Quando a ansiedade de um indivíduo mostra-se presente em nível elevado, prejudicando-o através de sintomas psicológicos, físicos ou emocionais, é necessário o acompanhamento com profissionais da área de saúde mental, na qual o indivíduo buscará através do diagnóstico recebido, formas de amenizar e conviver bem ao lado da ansiedade, de modo a resgatar para a sua vida tópicos como a felicidade, o bem-estar, a paz e a boa qualidade de vida (MINHA VIDA, 2021).

Ao estudar sobre ansiedade, é possível encontrar dois conceitos distintos: a ansiedade-estado, a qual faz referência a um estado emocional transitório e é caracterizada por sentimentos próprios de tensão que variam de intensidade ao longo do tempo, e a ansiedade-traço, que está associada a uma disposição pessoal a qual é relativamente estável e responde com ansiedade a situações estressantes, além de ser uma tendência de percepção para um maior número de situações ameaçadoras. Existem diversas escalas com o objetivo de avaliar os dois aspectos, porém a mais utilizada é o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE), de Spielberger et al. criado no ano de 1970 (GAMA et al., 2008).

Constituído por 40 afirmações distribuídas em duas partes, com o inventário é possível fazer identificações quanto aos sentimentos de um sujeito. A primeira parte da avaliação trata da ansiedade-estado, a segunda por sua vez avalia o traço ansioso do indivíduo. Ambas as partes consistem em 20 afirmações, sobre as quais o sujeito a responder deve descrever seus sentimentos pessoais nivelando-os de acordo com a intensidade na qual estão ocorrendo naquele momento (parte 1) ou com a frequência na qual ocorrem geralmente (parte 2), através de uma escala que varia de 1 a 4 pontos.

Sendo assim, no presente artigo pretendeu-se descrever o comportamento de estudantes universitários em relação aos seus níveis de ansiedade traço-estado. Em seguida, criou-se uma discussão e uma análise dos escores médios obtidos por dezesseis universidades, sendo quatorze delas localizadas no Brasil, uma na Argentina e uma em Portugal.

Segundo Fernandes et al. (2018), é possível evidenciar a alta ocorrência de ansiedade em universitários, variando entre 63% e 92% deles, o que torna-se um problema para a saúde

pública. Fatores como o ritmo de vida mais intenso, grande carga horária de estudos, distanciamento geográfico da família, cobranças pela sociedade, instituição e a própria autocobrança, provocam sentimentos de irritabilidade, impaciência, desapontamento e preocupação nos estudantes (FERNANDES et al., 2018).

Portanto, este estudo divide-se em cinco seções distintas, incluindo esta introdução. Dando continuidade, a próxima seção apresenta o referencial teórico. A terceira seção descreve os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento das análises e da discussão. A seção seguinte traz as análises e a discussão da pesquisa. E, por último, na quinta seção são apontadas as considerações finais.

2. Referencial Teórico

2.1 A saúde mental

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), “o conceito de saúde vai além da ausência de doenças. Na verdade, só é possível ter saúde quando há um completo bem-estar físico, mental e social de uma pessoa.” (PAHO, 2016, p. 1).

Sendo assim, a Organização Mundial de Saúde afirma que não existe uma definição oficial para o termo saúde mental, já que diferenças culturais, julgamentos relativos e outras teorias influenciam diretamente os indivíduos. A OMS também ressalta tópicos que contribuem para a interferência na saúde mental de um indivíduo, tais como as mudanças sociais rápidas, as condições de trabalho estressantes, a discriminação, o estilo de vida não saudável, a exclusão social, a violação dos direitos humanos e a violência.

Para o médico psiquiatra Dr. Sergio Luiz Lorusso, tem-se como definição do termo saúde mental a seguinte afirmação:

A saúde mental é o equilíbrio emocional entre o patrimônio interno e as exigências ou vivências externas. É a capacidade de administrar a própria vida e as suas emoções dentro de um amplo espectro de variações sem contudo perder o valor do real e do precioso. É ser capaz de ser sujeito de suas próprias ações sem perder a noção de tempo e espaço. É buscar viver a vida na sua plenitude máxima, respeitando o legal e o outro (LORUSSO, 2011, p. 1).

A saúde mental pode ser subdividida em alguns transtornos mentais, sendo eles: a ansiedade, a depressão, a esquizofrenia, os transtornos alimentares, o estresse pós-traumático, a somatização, e os transtornos bipolares, obsessivos-compulsivos, de personalidade, de sono-vigília (PAHO, 2016).

2.2 A ansiedade

O termo ansiedade, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), é o sentimento antecipado de determinada ameaça futura associada ao medo e que gera sensações de tensão (BECKER, 2019).

Para o filósofo Sören Kierkegaard: “A ansiedade é um desejo daquilo que tememos, um temor daquilo que desejamos, uma antipatia-simpática. É um poder estranho que agarra o indivíduo sem que ele possa desvencilhar-se dele, nem queira desvencilhar-se, pois tem medo disso. Mas esse medo é também um desejo” (PORTAL EDUCAÇÃO, 2019).

De acordo com o psicólogo Charles Spielberger, desenvolvedor de um dos maiores e mais utilizados instrumentos de estudos para a ansiedade:

"O enfrentamento da tensão e da ansiedade constitui um requisito diário para o crescimento e desenvolvimento humanos normais. Ir à escola ou ao emprego pela primeira vez, separar-se dos pais ou de outros entes queridos, dúvidas sobre a própria adequação nos relacionamentos com outras pessoas, as pressões do trabalho e os limites de prazo, o ato de falar ou atuar em público estão entre as muitas fontes possíveis de tensão" (SPIELBERGER, 1981, p. 4).

Atualmente a ansiedade e as sensações desagradáveis têm sido acompanhadas de preocupação, curiosidade e do interesse humano, visto que, a doença tem crescido frequentemente a cada ano, prova deste crescimento, deu-se por meio de um relatório divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015) na qual aponta que o número de pessoas ansiosas no mundo em 2015 eram de 264 milhões, totalizando-se um aumento de quase 15% em relação ao relatório feito em 2005. Alguns fatores socioeconômicos, como o desemprego e a pobreza, o estilo de vida nas grandes cidades e o excesso de tarefas acumuladas, pesam para o crescimento deste número (CNN BRASIL, 2020).

Na ansiedade, é possível também notar quatro sintomas físicos e emocionais que quando são desencadeados, podem trazer problemas desde físicos a diversos locais da vida do

indivíduo, seja na vida social ou na vida profissional, sendo eles: (PSICÓLOGOS BERRINI, 2020)

1. As crises de pânico: normalmente são sensações físicas intensas, como a taquicardia, dor no peito, formigamento nas mãos, etc. Além de fazerem com que o indivíduo se sinta extremamente desesperado e angustiado, podem até levar a pensamentos da morte naquele instante.
2. Os problemas com o sono: onde o indivíduo passa a ter dificuldade em começar a dormir ou de permanecer dormindo durante toda a noite. Normalmente, o indivíduo passa toda a noite pensando em problemas específicos, programando-se com detalhes para o dia seguinte ou simplesmente não se desliga, ficando agitado.
3. Os problemas de digestão: o ser humano possui o sistema digestivo sensível às emoções, sendo assim, é comum notar-se em indivíduos com ansiedade problemas digestivos como a Síndrome do Intestino Irritável, que seriam episódios de desconforto abdominal, dor, prisão de ventre e diarreia. Além disso, é possível notar-se que mesmo sem fome, o indivíduo com ansiedade tende a comer algo para saciar os sintomas, o que pode acarretar em uma futura obesidade.
4. O quarto sintoma gira em torno do perfeccionismo, que é constante em pessoas com Transtorno Obsessivo Compulsivo, onde o indivíduo passa o tempo todo se julgando e avaliando, além de possuir medo de errar. Isso acarreta em incômodo e angústia ao indivíduo, até que tudo se encontre da maneira exata como planejou, podendo mesmo assim não trazer total satisfação a pessoa, resultando em um novo começo da busca pela perfeição.

2.3 A ansiedade no Brasil e na América

Segundo dados do ano de 2018 da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil é o país com o maior número de pessoas ansiosas do mundo em termos absolutos. São 18,6 milhões de brasileiros considerados ansiosos, número que representa 9,3% da população total do país.

Em uma pesquisa realizada pela Pan American Health Organization (2018), a ansiedade com 4,9% de taxa é a segunda condição mental com maior incidência nos 36

países do continente americano, fazendo parte do top 3 do *ranking*, atrás apenas da depressão (7,84%) e na frente das dores crônicas (4,71%), como mostrado pelo Gráfico 1.

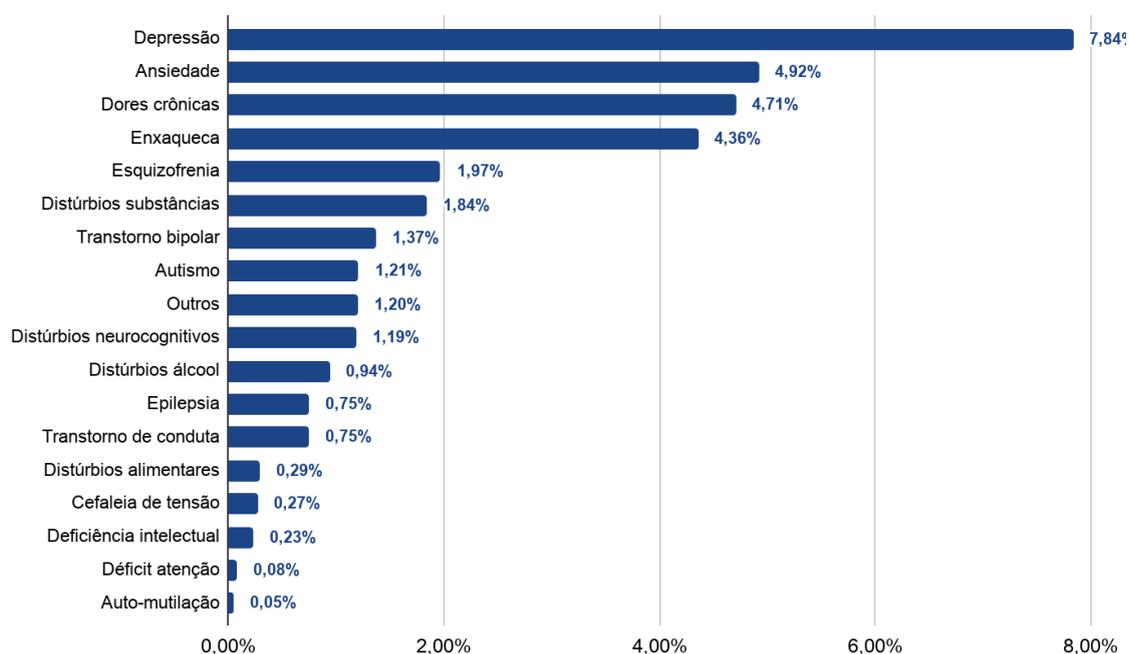


GRÁFICO 1: Condições mentais com maiores incidências nos países americanos

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da PAHO, 2018.

No mesmo estudo feito pela OMS (2018), fazendo uma avaliação das consequências dos transtornos mentais nos países do continente Americano, o Paraguai, eleito um dos países com maior índice de felicidade do mundo, mesmo com o título, ocupa o segundo lugar dos países mais ansiosos pela OMS, seguido pelo Chile, Argentina e Colômbia (Gráfico 2). Também com relação aos índices da América, o Canadá e o México são os países com os menores índices de ansiedade, como mostra o Gráfico 3 (VEJA, 2019).

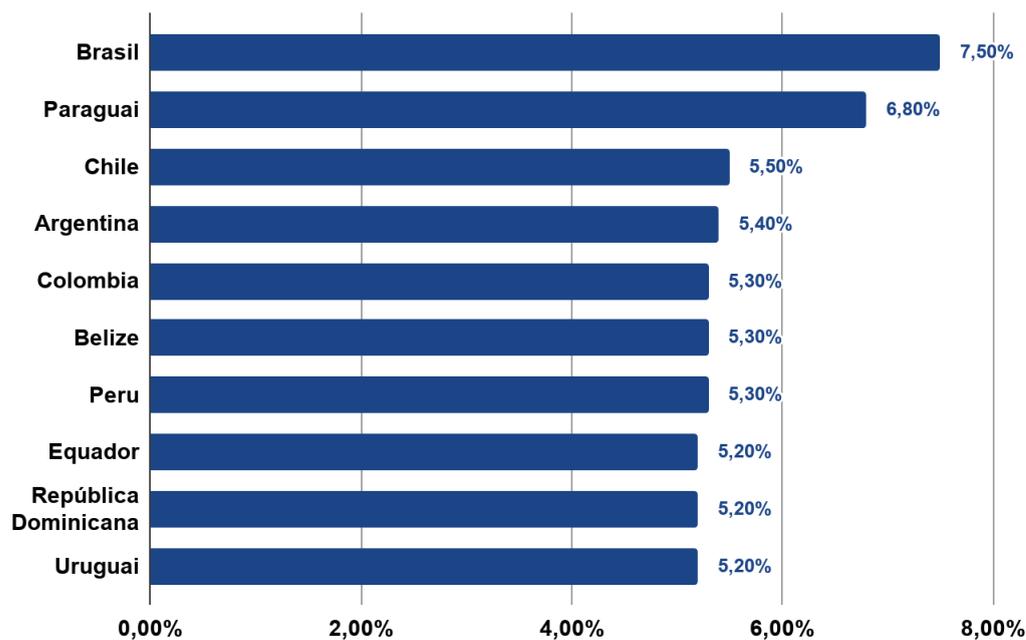


GRÁFICO 2: Os 10 países do continente americano com maiores níveis de ansiedade

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da PAHO, 2018.

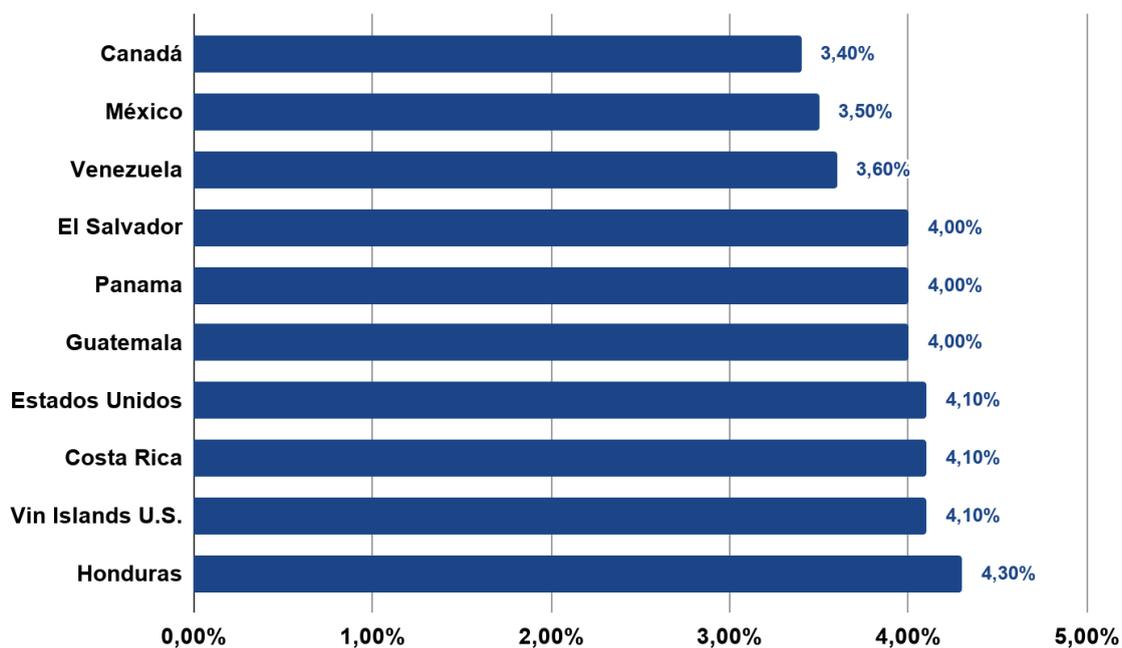


GRÁFICO 3: Os 10 países do continente americano com menores níveis de ansiedade

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da PAHO, 2018.

2.4 A ansiedade no meio universitário brasileiro

A ansiedade tem aumentado significativamente na população humana no último século, entre os estudantes universitários, por exemplo, a ansiedade vem sendo estudada e relacionada à situação vivenciada por cada um.

Ao ingressarem na universidade, os estudantes são submetidos a uma grande carga de estresse, seja por longas horas de estudo e/ou cobranças pessoais de professores, familiares e de si mesmos (FERREIRA et al., 2006). Além disso, as transformações maturacionais (psicológicas, fisiológicas e neurológicas), vindas da transição de suas fases da adolescência para a fase adulta, os levam a vivenciarem períodos de crises devido às exigências para adaptação a um novo papel social, sendo caracterizados como adultos jovens.

Alguns indivíduos podem passar por mais ansiedade do que outros de acordo com a tendência com a qual encaram situações capazes de induzir ou causar ansiedade para com si próprio, ou algum tipo de desconforto físico ou psíquico.

Em casos nos quais o indivíduo apresenta aumento nos seus níveis patológicos de ansiedade, ele pode contar com o auxílio de profissionais da área de saúde mental (psicólogos e psiquiatras), por meio das redes de atenção básica à saúde que são vinculadas ao Sistema Único de Saúde (SUS), com o intuito de tratar tal aumento e de prevenir possíveis transtornos depressivos ou diversas outras doenças físicas relacionadas (FERREIRA et al., 2006).

2.5 Estudos Correlatos

Nesta seção apresentam-se estudos sobre a aplicação do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) em estudantes universitários de quatorze universidades brasileiras, uma argentina e uma portuguesa, conforme visto no Quadro 1, os quais são importantes para a comparação dos resultados da presente pesquisa.

Quadro 1: Autores e suas pesquisas utilizadas como referencial para o desenvolvimento deste artigo, o ano de suas publicações, as universidades na qual foram realizadas as pesquisas e suas conclusões (continua)

Autores/Ano da Publicação/Universidade	Conclusão
BALDASSIN, MARTINS & DE ANDRADE / 2006 / FMABC	Os autores declaram que foram encontradas as maiores taxas de ansiedade no início do curso (por conta de dificuldade na adaptação dos novos métodos de ensino), no quarto ano (que antecede o internato dos estudantes) e no sexto ano (quando são realizados os internatos).
BANDEIRA et al. / 2005 / UFSJ	Os autores indicam que os estudantes da área de ciências exatas apresentaram os maiores níveis de assertividade e de auto-estima, além de escores menos elevados de ansiedade comparando-se aos estudantes de ciências humanas, não havendo diferença significativa de gênero.
BARBOSA, ROCHA & MORSCH / 2019 / UNISC	Os autores concluíram que há um grande nível de ansiedade nos estudantes universitários, seguindo a tendência de aumento devido às suas rotinas diárias, o que compromete grandemente o rendimento acadêmico, a qualidade do sono, o humor, as relações interpessoais e a qualidade de vida dos estudantes. A homeopatia e a meditação, segundo os autores, mostraram-se eficazes como medidas complementares no tratamento da ansiedade.
BEZERRA et al. / 2012 / UEPB	Os autores apresentam os níveis mais elevados de ansiedade para os estudantes do curso de Fisioterapia, além de uma frequência maior de estudantes solteiros, do gênero feminino, na faixa etária entre 18 e 22 anos e com sintomas de tensão emocional.
CHAVES et al. / 2015 / UNIFAL ALFENAS	As estudantes do sexo feminino apresentaram os maiores níveis de ansiedade, além dos estudantes com ausência de atividades de lazer e com baixos níveis de otimismo na escola de espiritualidade. Sendo assim, os autores ressaltam a importância da criação de estratégias de enfrentamento da ansiedade, que podem estar voltadas a fatores protetores como a espiritualidade.
COELHO et al. / 2010 / UNIABC	Os autores observaram um prejuízo no sono dos universitários, na qual quanto pior a qualidade do sono apresentada pelos estudantes, maiores foram encontrados os níveis de depressão e de ansiedade-traço.
DE CARVALHO / 2015 / UEM	Os maiores escores de ansiedade foram encontrados segundo os autores, em alunos concluintes, alunos do sexo feminino e matriculados nos cursos das áreas de Ciências Biológicas e da Saúde.
FERNANDES et al. / 2007 / UnB	Foi observado um maior nível de ansiedade no grupo formado por alunos do 5º ao 7º semestres, sem significância estatística, o que segundo os autores, torna-se importante o desenvolvimento de uma estratégia para o controle do estresse e da ansiedade dos estudantes.
FERREIRA et al. / 2009 / UFRN	Observa-se quanto aos níveis de ansiedade traço-estado dos estudantes que eles caracterizam-se dentro do esperado para a população, embora segundo os autores, os estudantes da área biomédica aparentam-se mais ansiosos, devido a densa grade curricular e as intensas demandas acadêmicas, o que eleva os escores dos estudantes da área, em especial, dos homens.

Quadro 1: Autores e suas pesquisas utilizadas como referencial para o desenvolvimento deste artigo, o ano de suas publicações, as universidades na qual foram realizadas as pesquisas e suas conclusões (conclusão)

Autores/Ano da Publicação/Universidade	Conclusão
GOMES, DA SILVA & ARAÚJO / 2008 / EEUSP	Após a divisão dos dois grupos de estudo: experimental (na qual os estudantes receberam terapia complementar) e controle (na qual os estudantes foram submetidos a imitação da técnica do Toque Terapêutico - Método Krieger-Kunz sem intenção terapêutica), os autores identificaram a influência da terapia complementar de saúde associando a ansiedade-estado dos estudantes, revelando-se uma redução estatisticamente significativa do níveis de ansiedade-estado em ambos os grupos.
LOPES et al. / 2020 / UBA	A maior parte dos estudantes obtiveram os níveis de ansiedade traço-estado generalizados, o que segundo os autores, indicam a necessidade de medidas preventivas de modo a minimizar a ansiedade e ajudar a manter os níveis de bem-estar necessários no desenvolvimento acadêmico e na construção da carreira profissional.
MAGALHÃES et al. / 2008 / UFS	Os autores concluem que os níveis de ansiedade-traço dos estudantes universitários de Aracaju é inferior aos dos estudantes de São Paulo, reforçando a ideia de que grandes cidades favorecem o desenvolvimento da ansiedade.
MARQUES & TAVANO / 2004 / USP-Bauru	Os autores encontraram a maior parte dos estudantes com níveis de ansiedade-estado baixo, enquanto tratando-se da ansiedade-traço, a maior parte dos estudantes enquadraram-se na categoria de ansiedade moderada. Além disso, os autores reforçam a realização de mais trabalhos com os estudantes para auxílio na inserção deles no mercado de trabalho.
SILVA et al. / 2015 / UNIFESP	Foram encontrados níveis maiores de ansiedade e piores pontuações relacionadas à qualidade de vida nas mulheres universitárias, enquanto nos homens do curso de educação física observou-se melhores escores quanto ao formulário de qualidade de vida. Os autores reforçam que a intervenção reduziu significativamente a ansiedade e melhorou a saúde mental dos participantes, afirmando a importância do desenvolvimento de programas com intervenção psicoterápica na universidade.
TON et al. / 2020 / UFJF	Há uma prevalência elevada nos sinais e sintomas de disfunção temporomandibular (DTM) entre os estudantes, sendo a dominância no gênero feminino. Além disso, segundo os autores, houve a presença de ansiedade e estresse entre os estudantes que possuem os sinais e os sintomas de DTM.
ZAMPIERI / 2013 / UAlg	Os indicadores mostraram a presença de ansiedade, depressão e estresse nos estudantes, sendo o nível de ansiedade moderada encontrado em sua maioria. Além disso, segundo a autora, há uma vulnerabilidade nos estudantes quanto às dificuldades de adaptação às novas exigências de vida, o que necessita medidas preventivas de auxílio à adaptação e reestruturação no estilo de vida dos estudantes.

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados disponibilizados por (GOMES, DA SILVA, & ARAÚJO, 2008; BALDASSIN, MARTINS, & DE ANDRADE, 2006; FERNANDES et al., 2007; LOPES et al., 2020; BARBOSA, ROCHA, & MORSCH, 2019; MARQUES, & TAVANO, 2004; COELHO et al., 2010; ZAMPIERI, 2013; BEZERRA et al., 2012; DE CARVALHO et al., 2015; CHAVES et al., 2015; TON et al., 2020; BANDEIRA et al., 2005; SILVA et al., 2015; MAGALHÃES et al., 2008; FERREIRA et al., 2009).

3. Procedimentos Metodológicos

3.1 Material

Os dados utilizados nesta pesquisa são resultados de publicações que tiveram origem no estudo de dezesseis universidades, sendo duas delas localizadas na Argentina e em Portugal, e as demais no Brasil, foram também informados o tamanho da amostra em cada universidade conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1: Universidades utilizadas como referência para o estudo e o tamanho de suas amostras

Universidades	Estado País	N
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP)	São Paulo BR	42
Faculdade de Medicina do ABC (FMABC)	São Paulo BR	461
Universidade de Brasília (UnB)	Distrito Federal BR	150
Universidade de Buenos Aires (UBA)	Buenos Aires ARG	183
Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)	Rio Grande do Sul BR	214
Universidade de São Paulo (USP/Bauru)	São Paulo BR	37
Universidade do Grande ABC (UNIABC)	São Paulo BR	49
Universidade do Algarve (UAlg)	Faro PT	147
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)	Paraíba BR	336
Universidade Estadual de Maringá (UEM)	Paraná BR	1.112
Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG/Alfenas)	Minas Gerais BR	609
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	Minas Gerais BR	714
Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	Minas Gerais BR	135
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)	São Paulo BR	170
Universidade Federal de Sergipe (UFS)	Sergipe BR	498
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Rio Grande do Norte BR	158
TOTAL	---	5.015

Fonte: Elaboração própria.

3.2 Métodos

Esta pesquisa pode ser classificada como descritiva, pois segundo McHugh & Villarruel (2003), pode ser compreendida como uma pesquisa que auxilia os pesquisadores e os leitores a compreenderem as informações dos dados coletados por meio da organização e sumarização, nas quais foram utilizados fundamentos de pesquisas realizadas anteriormente por outras universidades sobre a ansiedade de seus estudantes possibilitando criar uma discussão de modo a perceber uma tendência de público-alvo maior atingido pelos seus escores de ansiedade nas dezesseis universidades apresentadas na Tabela 1 (MCHUGH & VILLARRUEL, 2003).

Nas pesquisas abordadas nas universidades apresentadas na Tabela 1, foi utilizado o Inventário de ansiedade traço-estado (IDATE) (Spielberger, Gorsuch & Lushene, 1970), que é composto por duas escalas distintas propostas para medir o estado (Parte I) e o traço (Parte II) da ansiedade. O IDATE foi traduzido, adaptado e validado para o Brasil em 1979 por Biaggio e Natalício. Na Parte I, a escala Estado demandava ao participante a descrição de como o mesmo se sentia "agora, neste momento" diante aos 20 itens apresentados em uma escala Likert de 4 pontos, sendo: 1- absolutamente não; 2- um pouco; 3- bastante; 4- muitíssimo. Semelhante a Parte I, na parte II, também composta por 20 itens, na escala Traço o participante deveria responder como "geralmente se sente", seguindo uma nova escala Likert de 4 pontos: 1- quase nunca; 2- às vezes; 3- frequentemente; 4- quase sempre. Seja na primeira ou na segunda parte da aplicação do inventário, a pontuação máxima que o indivíduo pode adquirir é de 80 pontos. Conforme as faixas de pontuação atingidas, existem quatro níveis de ansiedade classificados de acordo com a Tabela 2, como:

Tabela 2: Subdivisão da classificação dos tipos de ansiedade que um indivíduo pode assumir aplicando o IDATE

Nível de ansiedade	Pontuação
baixa ou branda	20 a 34
moderada	35 a 49
elevada ou grave	50 a 64
muito elevada ou pânico	65 a 80

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados disponibilizados por CHAVES; CADE, 2004.

É importante ressaltar que as pesquisas foram feitas de forma anônima preservando a identidade dos voluntários e sendo as coletas aprovadas pelo Comitê de Ética e Pesquisa de suas respectivas universidades.

Para a análise dos dados foi utilizado a estatística descritiva, que cumpre as etapas de: identificar o problema, planejar o estudo, recolher os dados, apresentar os dados (através de tabelas, gráficos, quadros, etc.) e fazer a análise e interpretação dos dados encontrados. Sendo assim, para a apresentação dos dados utilizou-se do auxílio dos programas Microsoft Excel e Adobe Photoshop (SANTOS, 2007).

4. Análises e Discussão

Nesta seção é apresentada a análise descritiva dos dados obtidos de cada universidade a partir da aplicação do IDATE traço-estado. Apresenta-se os escores médios de ansiedade-traço e estado das universidades utilizados como referência, bem como a divisão por sexo. Além disso, é possível visualizar a comparação dos níveis médios de ansiedade dos universitários brasileiros com os níveis dos estudantes de uma universidade argentina e de uma universidade portuguesa. Por fim, apresenta-se as classificações de ansiedade traço-estado encontradas nas universidades por níveis baixo e médio/alto, além da comparação dos escores encontrados nas cinco diferentes regiões do Brasil.

Os dados da Tabela 3 referem-se às suas idades médias amostrais e seus desvios-padrões amostrais, o ano de aplicação de cada pesquisa e os cursos/áreas nos quais os universitários estavam matriculados.

Tabela 3: Identificação do público-alvo da pesquisa em cada universidade

Universidades	Mulheres	Homens	Idade média (anos)	DP	Ano	Cursos/Áreas
UBA	-	-	-	-	2019	-
UNISC	-	-	-	-	2019	Engenharias e Saúde
UFJF	482	232	21,5	4,53	2017	Diversos
UAlg	-	-	-	-	2013	Diversos
UEM	817	295	21,8	3,3	2012	Biológicas, Exatas e Humanas
UNIFAL-MG	501	108	21	2,5	2012	Saúde
UNIFESP	140	30	19,85	2,2	2012	Saúde
UNIABC	36	13	25,2	5	2010	Educação Física e Fisioterapia
UEPB	216	120	-	-	2009	Biológicas e Psicologia
EEUSP	41	1	-	-	2007	Enfermagem
UFS	267	231	-	-	2007	Diversos
UFRN	71	87	19,1	3,37	2006	Biomédicas, Humanas e Tecnológicas
UnB	-	-	-	-	2005	Odontologia
USP/Bauru	33	4	-	-	2004	Fonoaudiologia e Odontologia
UFSJ	53	82	25,49	4,55	2003	Exatas e Humanas
FMABC	278	183	21,9	2,4	2001	Medicina

Legenda: - não informado; DP: Desvio-padrão

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados disponibilizados por (GOMES, DA SILVA, & ARAÚJO, 2008; BALDASSIN, MARTINS, & DE ANDRADE, 2006; FERNANDES et al., 2007; LOPES et al., 2020; BARBOSA, ROCHA, & MORSCH, 2019; MARQUES, & TAVANO, 2004; COELHO et al., 2010; ZAMPIERI, 2013; BEZERRA et al., 2012; DE CARVALHO et al., 2015; CHAVES et al., 2015; TON et al., 2020; BANDEIRA et al., 2005; SILVA et al., 2015; MAGALHÃES et al., 2008; FERREIRA et al., 2009).

Conforme apresentado na Tabela 3, o número de mulheres nas universidades prevaleceu-se maior do que os homens, o que relaciona-se diretamente com os últimos Censos Demográficos disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na qual mostram a presença feminina sendo contingente maior no ensino superior do que os homens (GUEDES, 2008).

Além disso, a Tabela 3 mostra que a Universidade Estadual de Maringá, conseguiu reunir o maior número de voluntários para a sua pesquisa, sendo 1.112 estudantes. Sobre a idade média encontrada pelas universidades, pode-se dizer que a Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) obteve a maior média, sendo ela $25,49 \pm 4,55$. A UFSJ ao lado da Universidade do Grande ABC foram as universidades que apresentaram os estudantes mais velhos na aplicação dos questionários. Por fim, a pesquisa mais antiga utilizada como referência pertence a Faculdade de Medicina do ABC (FMBAC), que foi feita no ano de

2001, em contrapartida, a pesquisa mais recente pertence à Universidade de Buenos Aires que foi feita durante os meses de Junho e Agosto de 2019.

Algumas pesquisas utilizaram-se apenas do questionário referente à ansiedade-traço, enquanto houve outras que utilizaram somente o questionário referente à ansiedade-estado, e outras que aplicaram ambos os questionários. Além disso, não foram disseminado os escores médios encontrados por sexo em grande parte das pesquisas, sendo assim, não foi possível fazer tal associação com os demais escores apresentados.

Os dados do Gráfico 4 referem-se às médias obtidas a partir dos itens que medem o IDATE-traço da ansiedade nos universitários voluntários. Esses dados foram publicados pelos autores dos artigos utilizados como referência das universidades FMABC (2006), UEM (2015), UFRN (2006), UFS (2008), UFSJ (2012), UnB (2007), UNIABC (2010), UNIFAL-MG (ALFENAS, 2012) e UNIFESP (2016).

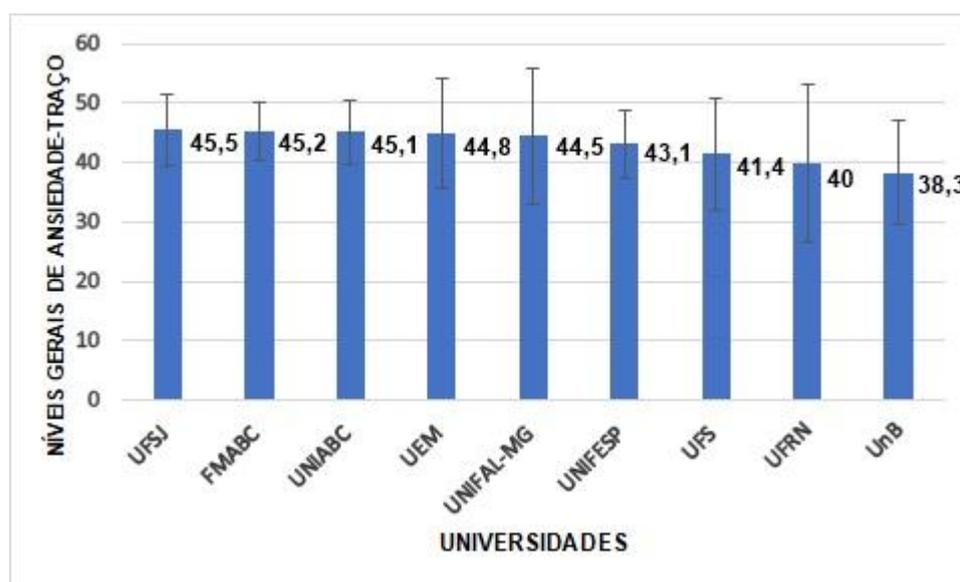


GRÁFICO 4: Escores médios de ansiedade-traço em estudantes das universidades de FMABC, UEM, UFRN, UFS, UFSJ, UnB, UNIABC, UNIFAL-MG(ALFENAS), UNIFESP

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados disponibilizados por (BALDASSIN, MARTINS, & DE ANDRADE, 2006; DE CARVALHO et al., 2015; FERREIRA et al., 2006; GAMA et al., 2008; BEZERRA et al., 2012; FERNANDES et al., 2007; COELHO et al., 2010; CHAVES et al. 2015; LANTYER et al., 2016).

Analisando o Gráfico 4, observa-se em termos amostrais que o nível de ansiedade-traço dos estudantes voluntários da Universidade Federal de São João del Rei é o mais elevado das nove universidades utilizadas como referência, com média de seu nível

resultante em $45,5 \pm 6,11$, já que os desvios das demais universidades são, $45,2 \pm 4,8$ para a Faculdade de Medicina do ABC, $45,1 \pm 5,3$ para a Universidade do Grande ABC, $44,8 \pm 9,2$ para a Universidade Estadual de Maringá, $44,5 \pm 11,39$ para a Universidade Federal de Alfenas, $43,1 \pm 5,74$ para a Universidade Federal de São Paulo, $41,4 \pm 9,3$ para a Universidade Federal de Sergipe, $40 \pm 13,28$ para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e $38,3 \pm 8,82$ para a Universidade de Brasília. Pode-se notar também através das médias encontradas, segundo a classificação da Tabela 2, que os estudantes de ambas as universidades apresentadas no Gráfico 4, estão dentro do padrão caracterizado como ansiedade moderada, o que seria o nível normal para um indivíduo ter, além de se enquadrarem dentro dos escores médios de ansiedade-traço esperados aos estudantes do ciclo básico, a qual é de $40,16 \pm 9,70$ (FERREIRA et al., 2006).

Os dados do Gráfico 5 também referem-se às médias do IDATE-traço por sexo dos universitários voluntários e foram extraídas dos dados publicados pelos autores dos artigos utilizados como referência das universidades FMABC (2006), UFRN (2006), UFS (2008), UFSJ (2012) e UNIFESP (2016).

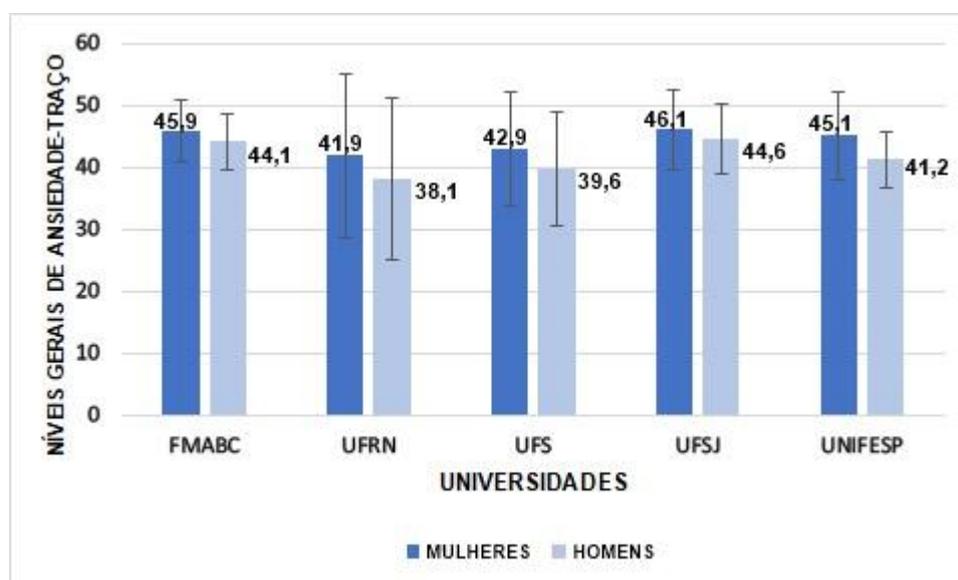


GRÁFICO 5: Escores médios de ansiedade-traço em estudantes das universidades de FMABC, UFRN, UFS, UFSJ, UNIFESP por sexo

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados disponibilizados por (BALDASSIN, MARTINS, & DE ANDRADE, 2006; FERREIRA et al., 2006; GAMA et al., 2008; BEZERRA et al., 2012; LANTYER et al., 2016).

De acordo com os dados apresentados no Gráfico 5, as médias amostrais das mulheres indicam que elas possuem um nível de ansiedade-traço superior ao dos homens. Entre as universidades analisadas, a maior média amostral é da Universidade Federal de São João del Rei com escore igual à $46,1 \pm 6,43$ para as mulheres e $44,6 \pm 5,51$ para os homens já que os desvios das demais universidades são, $45,9 \pm 5,0$ para as mulheres e $44,1 \pm 4,5$ para os homens da Faculdade de Medicina do ABC, $45,1 \pm 7,0$ para as mulheres e $41,2 \pm 4,49$ para os homens da Universidade Federal de São Paulo, $42,9 \pm 9,1$ para as mulheres e $39,6 \pm 9,2$ para os homens da Universidade Federal de Sergipe, e $41,9 \pm 13,13$ para as mulheres e $38,1 \pm 13,02$ para os homens da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tanto homens quanto mulheres e universidades estão dentro do padrão caracterizado como ansiedade moderada e dentro dos escores médios de ansiedade-traço esperados aos estudantes do ciclo básico, a qual é de $41,67 \pm 10,14$ para mulheres e de $38,64 \pm 9,25$ para homens (FERREIRA et al., 2006).

Os dados do Gráfico 6 referem-se às médias do IDATE-estado resultantes da aplicação em universitários voluntários e publicadas pelos autores dos artigos utilizados como referência das universidades UEM (2015), UFRN (2006), UnB (2007), UNIABC (2010), UNIFAL-MG (ALFENAS, 2012) e UNIFESP (2016).

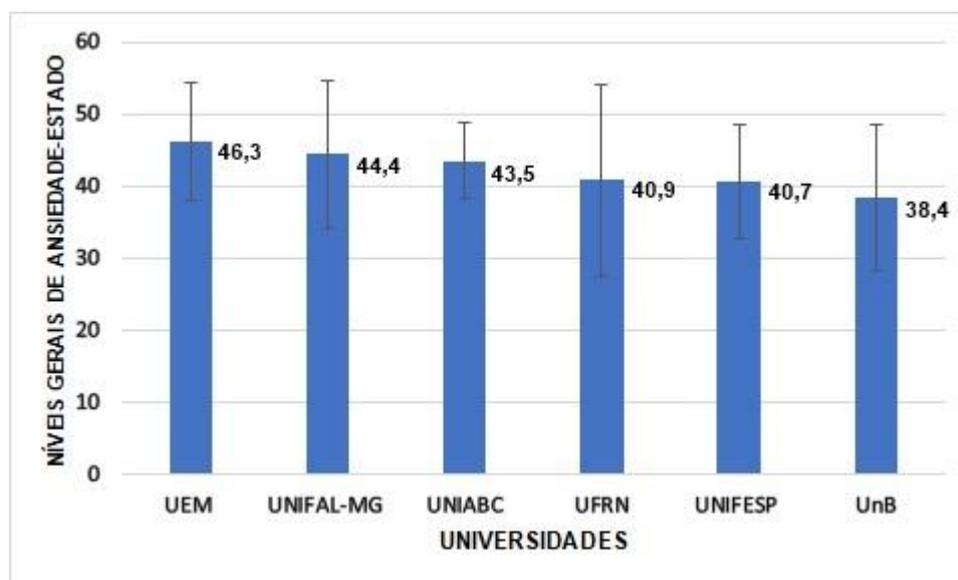


GRÁFICO 6: Escores médios de ansiedade-estado em estudantes das universidades de UEM, UFRN, UnB, UNIABC, UNIFAL-MG (ALFENAS), UNIFESP

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados disponibilizados por (DE CARVALHO et al., 2015; FERREIRA et al., 2006; FERNANDES et al., 2007; COELHO et al., 2010; CHAVES et al. 2015; LANTYER et al., 2016).

Observa-se que, tratando-se de níveis de ansiedade-estado, a Universidade Estadual de Maringá possui o maior escore amostral com um nível médio de $46,3 \pm 8,2$, já que os desvios das demais universidades são, $44,4 \pm 10,27$ para a Universidade Federal de Alfenas, $43,5 \pm 5,3$ para a Universidade do Grande ABC, $40,9 \pm 13,32$ para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, $40,7 \pm 7,85$ para a Universidade Federal de São Paulo, e $38,4 \pm 10,02$ para a Universidade de Brasília. A UEM assim como as demais universidades, possui também quanto a ansiedade-estado um padrão caracterizado como ansiedade moderada, o que também reafirma o padrão esperado por estudantes do ciclo básico que é de $40,04 \pm 10,13$ (FERREIRA et al., 2006).

Nos dados do Gráfico 7 estão representadas as médias obtidas dos resultados quanto ao IDATE-estado dos universitários voluntários divididos por sexo. Esses dados foram publicados pelos autores dos artigos utilizados como referência das universidades UFRN (2006) e UNIFESP (2016).

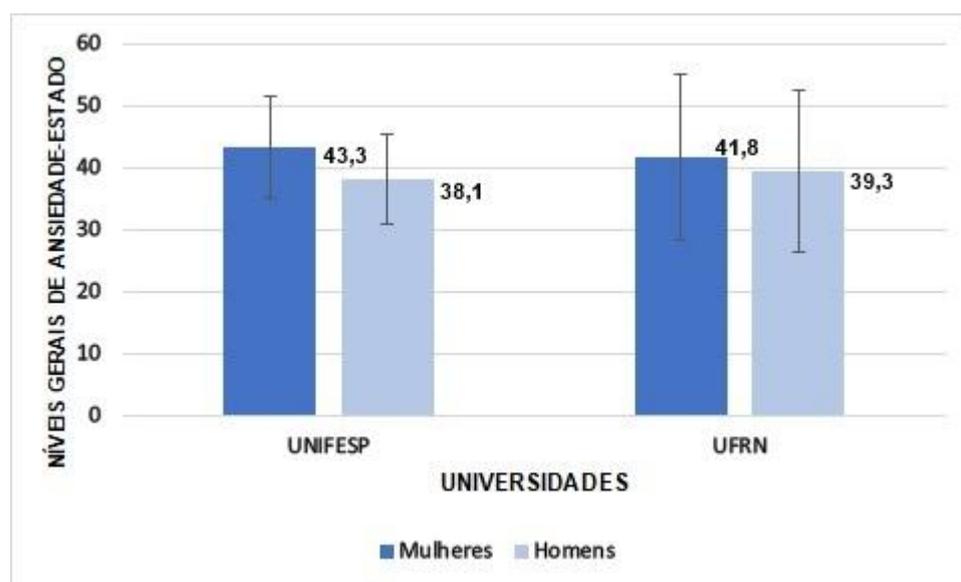


GRÁFICO 7: Escores médios de ansiedade-estado em estudantes das universidades de UFRN e UNIFESP por sexo

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados disponibilizados por (FERREIRA et al., 2006; LANTYER et al., 2016).

Observa-se que, em se tratando dos níveis de ansiedade-estado por sexo das universidades UFRN e UNIFESP, os níveis das mulheres seguem o padrão de superioridade aos níveis dos homens em termos amostrais. Em se tratando dos níveis de ansiedade das universidades em questão, amostralmente, as universitárias da UNIFESP destacam-se com o

escore de $43,3 \pm 8,34$, nível que está dentro dos escores médios de ansiedade-estado esperados aos estudantes do ciclo básico, a qual é de $41,09 \pm 10,81$ (FERREIRA et al., 2006). Já os estudantes do sexo masculino da UFRN também de modo amostral, destacam-se, com o escore médio de $39,3 \pm 13,03$, nível que também está dentro dos escores médios de ansiedade-estado esperados aos estudantes do ciclo básico, a qual é de $38,99 \pm 9,45$ (FERREIRA et al., 2006). Na divisão por sexo, os estudantes de ambas as universidades estão caracterizados, portanto, no padrão nomeado ansiedade moderada.

Os dados do Gráfico 8 referem-se às médias obtidas através dos dados publicados pelos autores dos artigos utilizados como referência das universidades Universidade de Buenos Aires (UBA,2020) e Universidade do Algarve (UAlg, 2013) na qual tratam-se de um comparativo entre os níveis de ansiedade médio dos universitários brasileiros com os níveis obtidos pelos universitários argentinos e portugueses das universidades em questão.

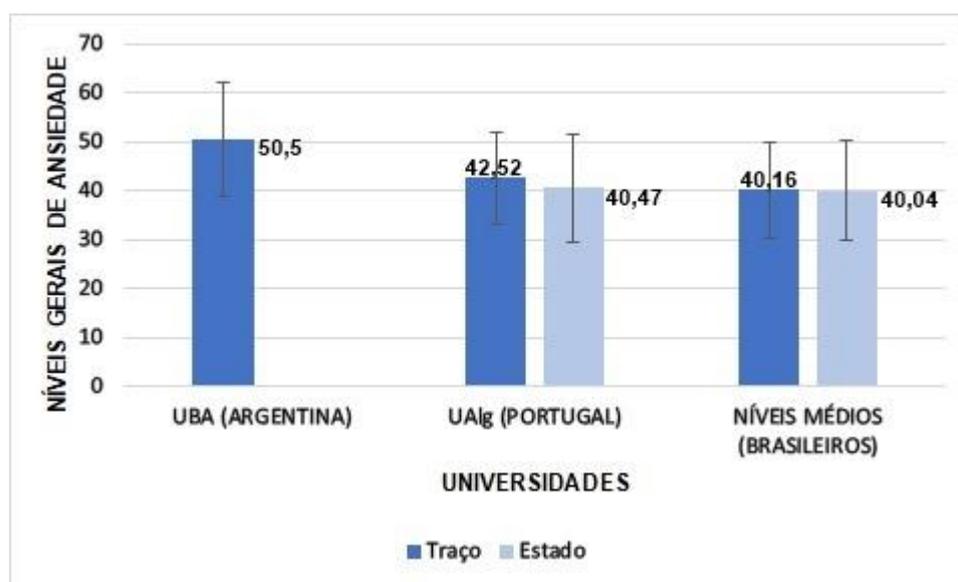


GRÁFICO 8: Escores médios de ansiedade-estado e de ansiedade-traço em estudantes das universidades de UAlg e UBA em comparação com os níveis médios de ansiedade dados aos universitários brasileiros.

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados disponibilizados por (ZAMPIERI, 2013; LOPES et al., 2020; FERREIRA et al., 2006).

Observa-se que, os universitários da Argentina possuem um nível de ansiedade-traço considerado elevado com um escore de $50,5 \pm 11,7$, nível também acima do escore médio esperado para os estudantes do ciclo básico brasileiro que corresponde a $40,16 \pm 9,70$ (FERREIRA et al., 2006), enquanto os universitários de Portugal possuem escores de

ansiedade-traço e ansiedade-estado de $42,52 \pm 9,56$ e $40,47 \pm 11,11$ respectivamente, sendo considerados níveis moderados e semelhante aos escores médios esperados por estudantes do ciclo básico brasileiros que são de $40,16 \pm 9,70$ e $40,04 \pm 10,13$ para ansiedade-traço e ansiedade-estado respectivamente (FERREIRA et al., 2006).

Os dados da Tabela 4 descrevem os percentuais de universitários com níveis de ansiedade-traço de dez universidades brasileiras por classificação dos escores entre baixo e médio/alto conforme disponibilizado pelos autores. Nota-se que em todas as universidades observadas, a maioria dos discentes, em cada uma delas encontram-se com ansiedade-traço em grau médio ou alto, sendo possível perceber que na FMABC todos os discentes encontram-se nessa categoria. Percebe-se também que os estudantes presentes nos cursos da área de saúde, apresentaram os maiores percentuais de níveis de ansiedade-traço. Além disso, percebe-se que a média encontrada na soma das universidades foi que 79% dos estudantes encontram-se nos níveis médio/alto de ansiedade-traço, enquanto 21% dos estudantes possuem escores baixos.

Tabela 4: Percentuais de universitários brasileiros por curso/área segundo escalas de ansiedade-traço por nível baixo e médio/alto

Universidades	Curso/Área	Médio/Alto	Baixo	Total
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP)	Enfermagem	93%	7%	100%
Faculdade de Medicina do ABC (FMABC)	Medicina	100%	0%	100%
Universidade de Brasília (UnB)	Odontologia	66%	34%	100%
Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)	Engenharias e Saúde	98%	2%	100%
Universidade de São Paulo/Bauru (USP)	Fonoaudiologia e Odontologia	60%	40%	100%
Universidade Estadual de Maringá (UEM)	Biológicas, Exatas e Humanas	70%	30%	100%
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)	Biológicas e Psicologia	78%	22%	100%
Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)	Saúde	92%	8%	100%
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	Diversos	77%	23%	100%
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Biomédicas, Humanas e Tecnológicas	56%	44%	100%
Total	---	79%	21%	100%

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados disponibilizados por GOMES, DA SILVA, & ARAÚJO, 2008; BALDASSIN, MARTINS, & DE ANDRADE, 2006; FERNANDES et al., 2007; BARBOSA, ROCHA, & MORSCH, 2019; MARQUES, TAVANO, 2004; DE CARVALHO et al., 2015; BEZERRA, 2012; CHAVES et al. 2015; TON, 2020; FERREIRA et al., 2006.

Os dados presentes na Tabela 5 descrevem os níveis de ansiedade-estado dos universitários de sete universidades brasileiras por classificação dos escores entre baixo e médio/alto. Nota-se que apenas a USP/Bauru registrou escores de ansiedade baixo na maioria dos seus discentes, enquanto as demais configuram-se a maioria dos seus alunos na categoria de ansiedade média ou alta, sendo a maior parte das universidades, com os seus estudantes dos cursos na área da saúde. Além disso, percebe-se que a média encontrada na soma das universidades foi que 71,36% dos estudantes encontram-se nos níveis médio/alto de ansiedade-estado, enquanto 28,64% dos estudantes possuem escores baixos.

Tabela 5: Comparação das escalas de ansiedade-estado dos universitários por curso/área, apresentação os percentuais de níveis baixo e médio/alto

Universidades	Curso/Área	Médio/Alto	Baixo	Total
Universidade de Brasília (UnB)	Odontologia	56%	44%	100%
Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)	Engenharias e Saúde	99,5%	0,5%	100%
Universidade de São Paulo/Bauru (USP)	Fonoaudiologia e Odontologia	46%	54%	100%
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)	Biológicas e Psicologia	66%	34%	100%
Universidade Federal de Alfenas/Sede (UNIFAL)	Saúde	93%	7%	100%
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	Diversos	81%	19%	100%
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Biomédicas, Humanas e Tecnológicas	58%	42%	100%
Total	---	71,36%	28,64%	100%

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados disponibilizados por FERNANDES et al., 2007; BARBOSA, ROCHA, & MORSCH, 2019; MARQUES, TAVANO, 2004; UNIFAL-MG SEDE: CHAVES et al. 2015; TON, 2020; FERREIRA et al., 2006.

Os dados do Gráfico 9 referem-se às médias obtidas através dos dados publicados pelos autores dos artigos utilizados como referência das universidades UEM (2015), UFRN (2006) e UnB (2007) na qual tratam-se de um comparativo entre os níveis de ansiedade dos universitários da Universidade Federal de Alfenas feito em 2012 representando a região Sudeste quanto ao IDATE traço e estado.

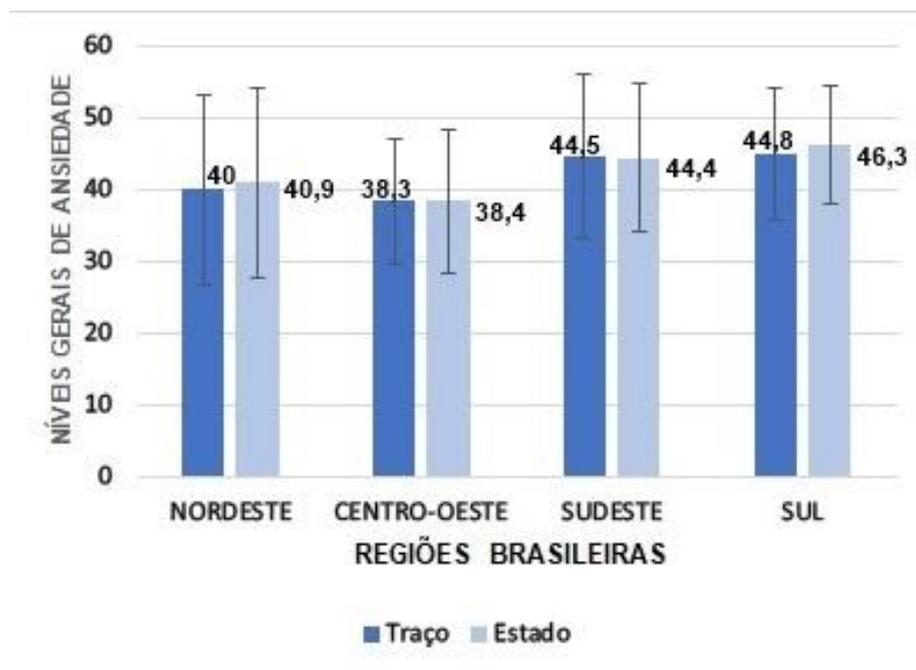


GRÁFICO 9: Escores médios de estado de ansiedade em estudantes das universidades de UEM, UFRN, UnB, UNIFAL-MG (ALFENAS) e uma universidade de Rondônia não identificada

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados disponibilizados por (DE CARVALHO et al., 2015; FERREIRA et al., 2006; FERNANDES et al., 2007; CHAVES et al., 2015; BORINE, 2011).

Amostralmente, observa-se que, os universitários da região Sul do país possuem o maior nível de ansiedade-traço apresentado, indicando comportamentos e tendências ansiosas por uma frequência de tempo maior, com nível de $44,8 \pm 9,2$, sendo este nível também dentro do esperado para estudantes do ciclo básico na qual correspondem a $40,16 \pm 9,70$ (FERREIRA et al., 2006). Observando-se quanto a ansiedade-estado que reflete o comportamento ansioso mais recente, que novamente os universitários da região Sul possuem o maior nível amostral, sendo de $46,3 \pm 8,2$, o que também está dentro do esperado para estudantes do ciclo básico na qual o nível corresponde a $40,04 \pm 10,13$ (FERREIRA et al., 2006). Com relação a região que apresentou os menores escores para ansiedade traço e estado foi a Centro-Oeste com $38,3 \pm 8,82$ e $38,4 \pm 10,02$, respectivamente.

O Gráfico 9 também ressalta uma carência por parte da região Norte do país com relação à pesquisas voltadas para a área de ansiedade utilizando o validado Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE).

5. Considerações finais

O presente estudo teve a finalidade de descrever o comportamento de estudantes universitários em relação aos seus níveis de ansiedade traço-estado nas universidades. Pelo estudo, foi possível perceber que os universitários em geral sofrem da ansiedade de forma geral moderada, seja ligada a fatores da transição de sua fase adolescente para a fase adulta, seja provocada por fatores ligados ao modo com que cada indivíduo se comporta diante das situações diárias envolvendo a vida acadêmica e pessoal.

Em termos amostrais, pode-se dizer que os estudantes de modo geral, estão classificados no padrão ansiedade moderada, o que seria o nível adequado para os indivíduos estarem. O nível amostral das mulheres em todas as categorias apresentadas superior em relação aos homens foi observado também, ressaltando a conclusão dos autores das pesquisas utilizadas como referência, na qual concluíram que os estudantes mais afetados e com os maiores escores de ansiedade traço-estado são do sexo feminino, com a faixa etária entre 18 e 23 anos.

No Brasil, os estudantes da Universidade Federal de São João del-Rei, apresentaram os maiores níveis amostrais de ansiedade-traço. Fazendo uma análise amostral comparativa com todas as universidades analisadas, os estudantes da UFSJ, no quesito de maiores escores de ansiedade-traço, ficam atrás apenas dos estudantes da Universidade de Buenos Aires na Argentina, indicando que, amostralmente, os estudantes das regiões Sul e Sudeste do país se sobressaem em relação aos escores de ansiedade, conforme apresentado no Gráfico 9.

Em relação aos níveis de ansiedade-estado, como os autores da pesquisa da UFSJ não aplicaram o questionário de ansiedade-estado nos universitários, não foi possível saber se os níveis amostrais de ansiedade-estado também seriam superiores às demais universidades. A universidade que apresentou o maior nível amostral de ansiedade-estado, entre as universidades investigadas, foi a Universidade Estadual de Maringá.

Vale a pena ressaltar que o tempo de aplicação e realização das pesquisas, limita de certa forma as conclusões a serem chegadas no artigo, visto que, houveram pesquisas realizadas há mais de 20 anos (como é o caso da Faculdade de Medicina do ABC), o que de certa forma, ao comparar-se tal pesquisa com a mais recente, tende-se a levar em consideração o aumento de pessoas ansiosas nas últimas décadas, conforme mostrado nos últimos Censos Demográficos. Além disso, o fato das pesquisas terem objetivos distintos,

dificulta a precisão da comparação entre os dados, visto que, houveram pesquisas que focaram pouco no segmento do IDATE, sendo destinadas às áreas de disfunção temporomandibular, entre outros segmentos mais específicos, do que de fato a saúde mental dos estudantes.

Futuramente, para o Trabalho de Conclusão de Curso mais especificamente, a proposta consiste em fazer uma análise comparativa dos resultados disponíveis pelas universidades citadas neste artigo com resultados obtidos do mesmo inventário em discentes da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), em todos os Campi.

Referências

BALDASSIN, Sergio; MARTINS, Lourdes Conceição; DE ANDRADE, Arthur Guerra. Traços de ansiedade entre estudantes de medicina. **Arquivos médicos do ABC**, v. 31, n. 1, 2006.

BANDEIRA, Marina et al. Comportamento assertivo e sua relação com ansiedade, locus de controle e auto-estima em estudantes universitários. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 22, n. 2, p. 111-121, 2005.

BARBOSA, Thaís Rosiak; ROCHA, Daiane da Silva; MORSCH, Lisoni Muller. Qualidade do sono, ansiedade traço e estado em universitários: avaliação e intervenção. **Anais do Seminário Científico do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde da UNISC**, 2019.

BECKER, N. Ansiedade: sintomas, causas, tratamento, tem cura? Teste Gratuito. **Psicologia Viva**, 2019. Disponível em: <https://www.psicologiaviva.com.br/blog/ansiedade/> Acesso em: 17 de Julho de 2020.

BEZERRA, Berta Priscilla Nogueira et al. Prevalência da disfunção temporomandibular e de diferentes níveis de ansiedade em estudantes universitários. **Revista Dor**, v. 13, n. 3, p. 235-242, 2012.

BORINE, Monica Silvia. **Ansiedade, neuroticismo e suporte familiar: evidência de validade do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (Idate)**. 2011. 123 f. Tese (Doutorado

Programa de Pós-graduação Strictu Sensu em Psicologia) - Universidade de São Francisco, São Paulo, 2011.

CHAVES, Eliane Corrêa; CADE, Nágela Valadão. Efeitos da ansiedade sobre a pressão arterial em mulheres com hipertensão. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 12, n. 2, p. 162-167, 2004.

CHAVES, Erika de Cássia Lopes et al. Anxiety and spirituality in university students: a cross-sectional study. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 68, n. 3, p. 504-509, 2015.

COELHO, Ana T. et al. Qualidade de sono, depressão e ansiedade em universitários dos últimos semestres de cursos da área da saúde. **Neurobiologia**, v. 73, n. 1, p. 35-9, 2010.

DASA. Ansiedade na quarentena: guia de sobrevivência para manter a saúde mental durante a pandemia. **DASA**, 2020. Disponível em: <https://dasa.com.br/blog-coronavirus/ansiedade-na-quarentena>

DE CARVALHO, Eliane Alicrim et al. Índice de ansiedade em universitários ingressantes e concluintes de uma instituição de ensino superior/Anxiety scores in university entering and graduating students from a higher education institution. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 14, n. 3, p. 1290-1298, 2015.

FERNANDES, Aline Úrsula Rocha et al. Desordem temporomandibular e ansiedade em graduandos de odontologia. **Cienc Odontol Bras**; v. 10, n.1, p. 70-77, 2007.

FERNANDES, Márcia Astrês et al. Prevalência de sintomas ansiosos e depressivos em universitários de uma instituição pública. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, 2018.

FERREIRA, Camomila Lira et al. Universidade, contexto ansiogênico? Avaliação de traço e estado de ansiedade em estudantes do ciclo básico. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, p. 973-981, 2009.

GAMA, Marcel Magalhães Alves et al. Ansiedade-traço em estudantes universitários de Aracaju (SE). **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 30, n. 1, p. 19-24, 2008.

GOMES, Vanessa Miranda; DA SILVA, Maria Júlia Paes; ARAÚJO, Eutália Aparecida Cândido. Efeitos gradativos do toque terapêutico na redução da ansiedade de estudantes universitários. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 61, n. 6, p. 841-846, 2008.

GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, p. 117-132, 2008.

LANTYER, Angélica da Silva et al. Ansiedade e qualidade de vida entre estudantes universitários ingressantes: avaliação e intervenção. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 18, n. 2, p. 4-19, 2016.

LOPES, Luis Felipe Dias et al. Analysis of Well-Being and Anxiety among University Students. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 11, p. 3874, 2020.

MARQUES, Luciana Corrêa; TAVANO, Liliam D.'Aquino. Ansiedade traço-estado em estudantes universitários. **Revista Científica de Psicologia**, Brazil, 2004.

MCHUGH, Mary L.; VILLARRUEL, Antonia M. Descriptive statistics, part I: level of measurement. **Journal for Specialists in Pediatric Nursing**, v. 8, n. 1, p. 35-37, 2003.

MINHA VIDA. Ansiedade: o que é, como são e como controlar uma crise, 25 sintomas, tratamento. **Minha Vida**, 2021. Disponível em: <https://www.minhavidade.com.br/saude/temas/ansiedade#:~:text=A%20ansiedade%20causa%20sintomas%20como,os%20picos%20do%20dist%C3%BArbio%20emocional>. Acesso em: 27 de Março de 2021.

OLAIMAT, Amin N. et al. Attitudes, anxiety, and behavioral practices regarding COVID-19 among university students in Jordan: a cross-sectional study. **The American journal of tropical medicine and hygiene**, v. 103, n. 3, p. 1177-1183, 2020.

PAHO. OPAS/OMS apoia governos no objetivo de fortalecer e promover a saúde mental da população. **Organização Pan-Americana da Saúde**, 2016. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5263:opas-oms-apoia-governos-no-objetivo-de-fortalecer-e-promover-a-saude-mental-da-populacao&Itemid=839 Acesso em: 17 de Julho de 2020.

PAHO. The Burden of Mental Disorders in the Region of the Americas. **Organização Pan-Americana da Saúde**, 2018. Disponível em: http://iris.paho.org/xmlui/bitstream/handle/123456789/49578/9789275120286_eng.pdf?sequence=10&isAllowed=y Acesso em: 17 de Julho de 2020.

PAVANI, Fabiane Machado et al. Covid-19 e as repercussões na saúde mental: estudo de revisão narrativa de literatura. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 42, n. 1, 2021.

PORTAL EDUCAÇÃO. O que é ansiedade: definições. **Portal Educação**, 2019. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/o-que-e-ansiedade-definicoes/34071> Acesso em: 17 de Julho de 2020.

PSICÓLOGOS BERRINI. Entenda o que é e como controlar a ansiedade. Tudo o que você precisa saber. **Psicólogos Berrini**, 2020. Disponível em: <https://www.psicologosberrini.com.br/ansiedade-sintomas-e-tratamento/> Acesso em: 17 de Julho de 2020.

SANTOS, Carla. Estatística descritiva. **Manual de auto-aprendizagem**, v. 2, 2007.

SATIE, A. Brasil é o país que mais sofre de ansiedade por pandemia, diz pesquisa. **CNN BRASIL**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/06/01/brasil-e-o-pais-que-mais-sofre-de-ansiedade-por-pandemia-diz-pesquisa> Acesso em: 04 de Janeiro de 2021.

SECRETÁRIA DE SAÚDE DO PARANÁ. (SPP/DVSAM - Saúde Mental) Definição de Saúde Mental. **Secretaria de Saúde do Paraná**, 2019. Disponível em: <http://www.saude.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1059> Acesso em: 17 de Julho de 2020.

TON, Larissa Aparecida Benincá et al. Prevalence of temporomandibular disorder and its association with stress and anxiety among university students. **Brazilian Dental Science**, v. 23, n. 1, p. 9, 2020.

VEJA. Os brasileiros são os mais ansiosos do mundo, classifica a OMS. **VEJA**, 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/os-brasileiros-sao-os-mais-ansiosos-do-mundo-segundo-a-oms> Acesso em: 17 de Julho de 2020.

ZAMPIERI, R.C. **Manifestações psicossomáticas em universitários portugueses, a partir da identificação de sintomas de ansiedade, depressão e stress**. 2013, 95p. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) - Faculdade da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.